

INDÚSTRIA VOLTOU A CRESCER EM 2021, MAS ENFRENTA GRANDES DIFICULDADES COM INSUMOS E MATÉRIAS-PRIMAS

A expansão, todavia, é explicada pela herança estatística resultante da base deprimida de 2020.

Como era esperado, a indústria voltou a crescer em 2021. O crescimento, porém, ocorreu apenas por causa da herança estatística de 2020, resultante da base muito deprimida (pisos históricos) pela primeira onda da pandemia e da intensa recuperação que se seguiu. Ou seja, é somente um efeito estatístico. Só com ele a produção cresceria, caso ficasse estagnada ao longo de 2021, 9,1% no Brasil e 14,4% no Rio Grande do Sul, em relação a 2020.

De fato, a produção industrial iniciou 2021 em bases elevadas. A brasileira e a gaúcha chegaram a estar, respectivamente, 3,7% e 8,4% acima do patamar pré-pandemia em janeiro. Porém, a partir de então, a produção entrou numa trajetória descendente na margem, com a perda de parte dos estímulos fiscais de 2020, a segunda onda da pandemia e, principalmente, o desarranjo na cadeia produtiva, que provocou falta e intensa elevação nos preços de insumos e matérias-primas, potencializada pela desvalorização e volatilidade da taxa de câmbio. Outros fatores surgiram durante o ano, tornando o cenário cada vez mais restritivo: instabilidade política, maior risco fiscal, pressões adicionais nos custos de produção (preços da energia e dos combustíveis) e forte aceleração no ciclo de alta dos juros e da inflação. Em outubro, a produção brasileira já estava 4,1% abaixo do período pré-covid e a gaúcha, apenas 1,5% acima.

Com a tendência negativa na margem, parte da herança estatística do ano passado foi perdida, mas ainda assim deve assegurar as altas projetadas, de 4,7% e 6,3% para a produção industrial do Brasil e do RS, respectivamente, em 2021 comparativamente a 2020. Em linha com as estimativas do final do ano passado (4,7% e 7,2%), se confirmadas, devem recompor as quedas de 2020 e retomar os níveis de 2019. O desempenho superior da produção gaúcha em 2021 ante a nacional é explicado, além do efeito estatístico maior (a base de 2020 é mais deprimida), pelo dinamismo dos setores ligados ao agronegócio, em especial, o complexo metal-mecânico. Já o Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS) deve crescer 13,0%, enquanto o faturamento real da indústria gaúcha deve expandir no ritmo da produção: +6,6%.

Para 2022, no entanto, o viés é de baixa. O carregamento estatístico desta vez é negativo para a produção. Com dados até outubro, implica retração de 2,7% (Brasil) e alta de apenas 0,7% no RS. Para crescer no ano que vem, portanto, o setor precisa de uma retomada. As expectativas dos empresários são favoráveis: ainda há confiança e intenção de investir e contratar. O processo de reabertura econômica tende a se completar e o setor externo, a despeito da desaceleração da economia mundial, também deve contribuir. Por outro lado, aquela série de fatores restritivos continua no horizonte, sobretudo, os problemas, espera-se amenizados, na oferta e nos preços de componentes e as pressões sobre os custos de produção. Apesar da recuperação dos postos de trabalho, o desemprego seguirá elevado e a inflação corroendo a renda das famílias, que devem redirecionar parte dela para os serviços. A eleição polarizada elevará a incerteza, sobretudo, quanto às questões fiscais, gerando instabilidades e impactos sobre o câmbio, inflação e juros. Nesse contexto, a perspectiva é de um crescimento econômico medíocre para o Brasil em 2022.

A atuação conjunta desses elementos, que afetam a oferta e a demanda, deve levar a indústria a um desempenho bem menor em 2022. A produção deve crescer 1,5% no Brasil e um pouco menos, 1,0%, no RS. O IDI/RS deve avançar um pouco mais, 1,7%.

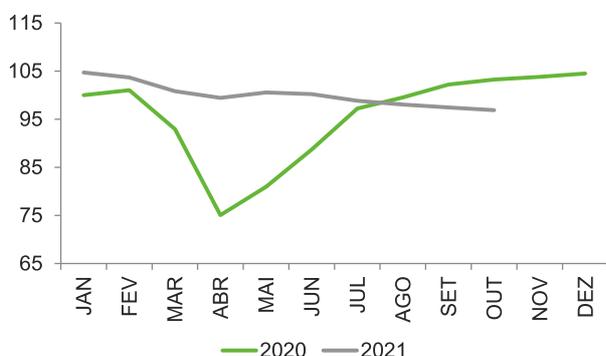
Produção mostrou tendência negativa na margem

Em alta ininterrupta na margem (mês em relação ao mês anterior dessazonalizado) desde maio de 2020, a produção iniciou o ano de 2021 em patamares elevados na série ajustada sazonalmente. Em janeiro, a brasileira alcançou o maior nível desde dezembro de 2017 (3,5% acima do período pré-covid) e a gaúcha, desde outubro de 2014 (+8,4% acima do patamar pré-covid). A trajetória positiva, entretanto, não se sustentou e a produção, nos nove meses seguintes (outubro é o último resultado disponível), acumulou perdas de 7,5% (Brasil) e 6,4% (RS), em meio à segunda onda da pandemia e os gargalos na cadeia de suprimentos.

Com isso, em outubro de 2021, a produção da indústria brasileira já estava 4,1% abaixo do nível pré-covid (-7,3% em relação a dezembro de 2020). A produção gaúcha, com uma retomada entre agosto e outubro, voltou a ficar acima do nível pré-pandemia (+1,5%), mas ficou 4,5% abaixo de dezembro de 2020.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

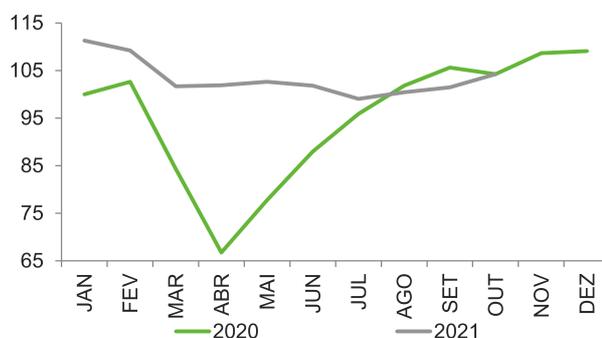
(Índice de base fixa mensal Jan 2020=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal Jan 2020=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Diversos setores que haviam superado voltaram a ficar abaixo do nível pré-pandemia

A elevada base do início do ano e a tendência negativa na margem da produção industrial brasileira é um comportamento comum à grande parte dos setores e pode ser percebido na redução dos que produziam igual ou acima do nível pré-Covid19 ao longo do ano.

Em janeiro de 2021, 18 das 26 atividades industriais pelo IBGE tinham recuperado aqueles patamares. Passados oito meses, somente 9 ainda se mantinham nessa situação, com destaque para Máquinas e equipamentos (+12,8%), Minerais não metálicos (+9,7%), Madeira (+6,2%) e Metalurgia (+5,7%). Os destaques entre os mais distantes eram Veículos automotores (-19,7%), Vestuário e acessórios (-19,1%), Couros e calçados (-16,4%) e Móveis (-14,8%).

O mesmo exercício para o Rio Grande do Sul, com dados dessazonalizados pela FIERGS, revela resultados não muito diferentes: apenas 5 dos 14 setores pesquisados produziam acima dos patamares de fevereiro de 2020 no mês de outubro de 2021 (4 a menos do que em janeiro último). Os setores mais distantes, pelo lado positivo, eram Máquinas e equipamentos (+41,5%), Químicos (+33,1%) e Produtos de metal (+22,3%). A tendência negativa nessa base registrada pela indústria gaúcha foi afetada, principalmente, por Veículos automotores (-22,1%), setor impactado pela paralisação da produção de automóveis de abril a agosto de 2021, por falta de semicondutores. O setor estava apenas 3,6% abaixo do patamar pré-pandêmico em janeiro.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil
(Out 2021/Fev 2020 | Em % | Setorial)



Fonte: CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Produção industrial – RS
(Out 2021/Fev 2020 | Em % | Setorial)



Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Ainda com relação à recuperação da pandemia, os resultados mostram assimetria entre os indicadores de atividade da indústria² no Brasil. Continuam abaixo do patamar de fevereiro de 2020, o faturamento real (-6,9%), a massa salarial real (-4,2%) e as horas trabalhadas na produção (-0,5%), enquanto o emprego (+3,8%) e a utilização da capacidade instalada-UCI (+2,7 p.p.) já o superou. No RS, com exceção da massa salarial (-2,0%), todos os indicadores já superaram em outubro: Índice de Desempenho Industrial (+7,9%), compras industriais (+25,0%), horas trabalhadas na produção (+7,3%), emprego (+6,4%), faturamento real (+2,5%) e UCI (+2,3 p.p.).

A produção só vai crescer no ano devido à base deprimida de 2020

A produção industrial em 2021, em relação aos mesmos períodos de 2020, mostra resultados positivos, muito diferentes dos negativos observados na margem. A resposta para essa discrepância é a forte herança estatística de 2020, gerada pela combinação das bases baixíssimas (pisos históricos) nos primeiros meses da pandemia em 2020 e a intensa recuperação que se seguiu até o mês de janeiro de 2021. Só com esse impulso, se a produção industrial tivesse ficado estagnada ao longo de todo o ano de 2021, teria crescido 9,1% no Brasil e 14,4%, no RS ante 2020.

² Vale destacar algumas diferenças metodológicas entre eles. O índice de produção (IBGE) expressa tão somente a transformação de insumos em produtos, enquanto os demais indicadores (CNI/FIERGS) expressam diversos aspectos das operações das empresas. A estrutura de ponderação setorial é diferente para cada variável. Na produção, o peso setorial é dado pelo valor da transformação industrial (VTI), diferente, por exemplo, do peso nas variáveis ligadas ao mercado de trabalho, que é dado pelo número de empregados ou pelos salários pagos, tornando os setores intensivos em mão-de-obra mais importantes relativamente. Não é diferente com os demais indicadores, pois cada um possui a própria estrutura de pesos. Por fim, as variáveis UCI, emprego e massa salarial têm como característica serem mais rígidas no curto prazo que a produção, transportando este traço para o IDI/RS. Assim, embora haja uma forte correlação entre todos os indicadores, as variações não são idênticas ou simultâneas, tendendo a convergir no médio prazo, pois uma empresa que não produz não poderá continuar vendendo ou contratando por muito tempo.

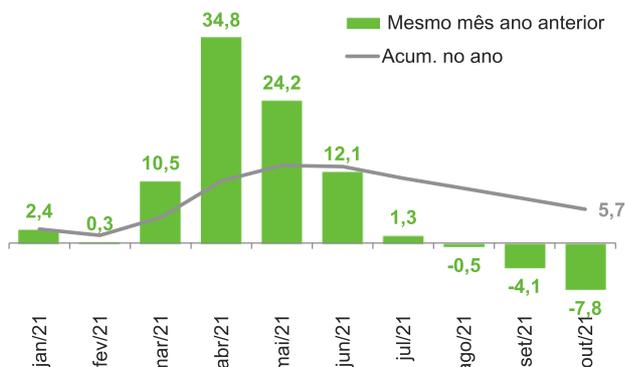
Nesse contexto, a produção industrial iniciou o ano crescendo moderadamente na comparação com 2020. Em abril e maio de 2021, mesmo durante a segunda onda da Covid-19, registrou taxas positivas recordes em relação aos mesmos períodos do ano passado, que foram pisos históricos. Na sequência, porém, à medida que os meses avançavam, a tendência negativa na margem e o aumento das bases de comparação do ano passado levaram à desaceleração das taxas interanuais e, em agosto no Brasil e em setembro no RS, a produção já alcançava o campo negativo ante os meses equivalentes de 2020.

Assim, após encerrar o primeiro semestre com alta anual acumulada de 13,0%, em outubro a expansão da produção industrial brasileira tinha desacelerado para 5,7%, o mesmo ocorrendo com a produção gaúcha, de 21,1% para 11,0%. Nesse sentido, mesmo mantendo a tendência negativa atual, a produção brasileira deverá recuperar praticamente toda queda de 4,5% (-5,5% no RS) do ano passado, se confirmadas as expansões previstas para 2021, de 4,7% e 6,3%. O desempenho superior da produção gaúcha em relação à nacional é explicado, além do efeito estatístico maior (a queda no RS foi mais intensa em 2020), pelo expressivo crescimento dos setores ligados ao agronegócio, em especial, o complexo metalmeccânico, puxado por Máquinas e equipamentos agrícolas e rodoviários.

Portanto, na realidade, com as perdas na margem, grande parte do carregamento estatístico foi perdido, pois o “efeito” completo pressupõe estabilidade (em média) na margem ao longo do ano. Para o ano que vem, os mesmos efeitos de 2021, com base em outubro, são negativos em 2,7% para a produção brasileira e 0,7% positivos para a produção industrial gaúcha, que precisam retomar a trajetória de recuperação para confirmar o crescimento previsto para 2022.

Gráfico 3.5. Produção Industrial – Brasil

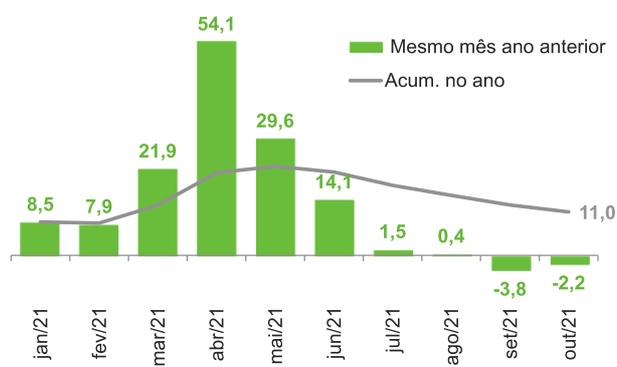
(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Produção Industrial – RS

(Var % em relação)

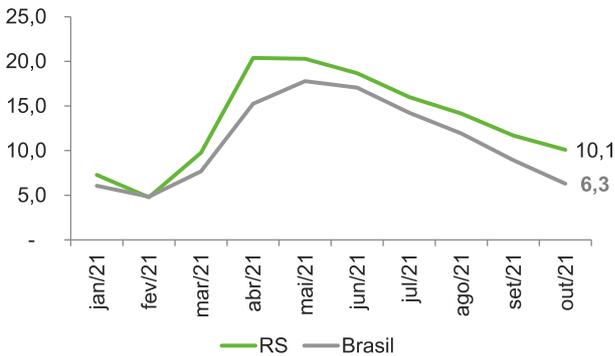


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os demais indicadores de conjuntura da indústria também receberam grande herança estatística de 2020, como o faturamento real do Brasil, de 8,9%, e do RS, de 13,6%. Por conta disso, o desempenho anual até outubro da pesquisa Indicadores Industriais do Brasil (CNI) e do RS (FIERGS) também mostram taxas de crescimento expressivas: faturamento real (+6,3% no Brasil e 10,1% no RS), horas trabalhadas na produção (+11,1% e +16,7%), emprego (+4,2% e +6,7%), utilização da capacidade produtiva-UCI (+5,5 p.p. e +6,7 p.p.) e compras industriais (+35,7%, só no RS). Calculado apenas para o Rio Grande do Sul, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) cresceu 14,4% (11,8% herdados de 2020) no período.

Outro cenário confirmado por esses indicadores é o desempenho superior da indústria gaúcha em relação à média nacional.

Gráfico 3.7. Faturamento real – Brasil e RS
(Var % acumulada no ano)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.8. Indicadores Industriais – Brasil e RS
(Var % acumulada no ano até outubro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. *O IDI e as Compras Industriais são divulgados somente para o RS.

A expansão anual da produção é disseminada

A análise desagregada, seguindo na métrica anual, mostra que a produção industrial brasileira expandiu de forma generalizada nos dez primeiros meses de 2021, frente a igual período de 2020: nas 4 categorias econômicas e em 21 dos 26 setores pesquisados. É importante referir também que todas as categorias e 17 setores receberam heranças positivas de 2020, e, as maiores implicaram, em linhas gerais, resultados melhores no ano.

A primeira divisão, categorias econômicas, se baseia no destino predominante dos produtos. A produção de bens de capital (+34,1%) registrou a alta mais expressiva no acumulado do ano até outubro devido ao segmento de equipamentos de transporte industrial (+59,2%). Parte deste dinamismo teve a direção do mercado externo.

Já a produção de bens intermediários, de maior peso na estrutura industrial, foi responsável pelo maior impacto entre as categorias, crescendo 4,6% no mesmo período. Como fornecedor de insumos e matérias-primas, sua evolução acompanha o ritmo da produção industrial, refletindo em 2021 a *performance* da produção de insumos industriais básicos (+5,0%) e elaborados (+10,5%), peças e acessórios para bens de capital (+23,5%) e peças e acessórios para equipamentos de transporte (+20,7%). As exportações dessa categoria também deram contribuição para o crescimento. Por outro lado, houve quedas nos segmentos de alimentos e bebidas básicos (-5,0%) e elaborados (-15,7%) e de combustíveis e lubrificantes básicos (-4,6%) e elaborados (-0,5%), todos destinados à indústria.

Puxada pela fabricação de automóveis para passageiros (+8,1%), a produção de bens duráveis cresceu 7,1% de janeiro a outubro relativamente ao mesmo período de 2020. A categoria, sensível a juros, crédito e renda das famílias, além da recuperação do mercado doméstico, contou também com as exportações mesmo sendo a categoria que mais sofreu restrições na oferta de componentes.

Por fim, no mesmo período, categoria mais diretamente atrelada à renda, a produção bens de consumo semi e não duráveis mostra um desempenho mais modesto (+0,9%), contida pela redução de 2,2% na produção de alimentos e bebidas elaborados destinados ao consumo doméstico, devido à perda de poder de compra dos consumidores com a inflação e o desemprego elevados. Por outro lado, cresceram a produção de artigos do vestuário e calçados, mas apenas refletiram a base de comparação muito deprimida do ano passado. Vale ressaltar que parte do aumento da produção da categoria teve como destino o exterior.

O crescimento da produção brasileira em 2021 também é generalizado em seu recorte setorial: 21 dos 26 pesquisados. Veículos automotores, reboques e carrocerias (+28,2%) e Máquinas e equipamentos (+29,8%) são responsáveis pela metade da taxa global, e, junto com a Metalurgia (+20,7%) e Minerais não-metálicos (+17,6%) responderam por 4,8 p.p. (85,0%) da média total. Outras contribuições relevantes vieram de Outros químicos (+7,0%), Produtos de metal (+10,0%), Borracha e plástico (+8,9%), Vestuário e acessórios (+19,5%).

As cinco atividades que apontaram redução na produção, em ordem decrescente de impacto foram: Alimentos (-8,8% e -1,5 p.p. da média total), Coque e produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-1,4%), Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal (-4,6%), Farmoquímicos e farmacêuticos (-2,9%) e Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (-5,4%).

Na Tabela 3.1 a seguir, percebe-se a disseminação setorial dos resultados positivos no acumulado anual entre os diversos indicadores conjunturais da indústria brasileira.

Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2021 até outubro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	Utilização da capacidade instalada*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	0,6
Alimentos	-7,0	6,9	3,9	3,1	1,8	-8,8
Bebidas	-7,2	2,5	-4,8	-3,3	-7,0	2,4
Tabaco	-	-	-	-	-	-0,1
Têxteis	20,2	29,5	5,9	9,8	16,2	15,4
Vestuário e acessórios	18,5	0,2	5,6	1,1	6,1	19,5
Couros e calçados	17,5	10,5	10,8	4,0	-0,5	11,3
Produtos de Madeira	8,7	5,3	6,8	8,7	8,8	14,3
Celulose, papel e produtos de papel	5,3	6,0	0,2	1,3	-1,4	3,5
Impressão e Reproduções de gravações	-34,0	-31,2	1,6	-15,9	-18,6	23,2
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-2,9	-12,7	2,8	-5,4	-4,5	-1,4
Químicos	-19,8	1,4	1,5	0,8	3,0	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	7,0
Farmoquímicos e farmacêuticos	9,1	3,0	1,2	2,6	-6,4	-2,9
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm.	-	-	-	-	-	-4,6
Borracha e de material plástico	28,5	16,1	1,8	3,1	0,3	8,9
Minerais não metálicos	2,6	9,2	11,4	7,4	2,7	17,6
Metalurgia	27,0	14,3	10,9	6,5	9,3	20,7
Produtos de metal	22,8	10,5	2,5	4,6	0,7	10,0
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	0,4
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	8,2	12,7	4,9	9,3	5,0	9,2
Máquinas e equipamentos	22,5	26,7	4,8	14,2	9,1	29,8
Veículos automotores	24,4	35,3	16,3	3,0	-6,7	28,2
Outros equipamentos de transporte	3,3	20,5	3,1	2,5	-9,8	19,1
Móveis	6,4	14,7	4,8	7,0	6,5	2,4
Produtos diversos	-50,7	-7,1	-1,0	-7,2	10,8	15,6
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	-5,4

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais.

A decomposição setorial, agora focando a produção no Rio Grande do Sul, mostrou que a disseminação do crescimento anual não foi muito diferente da brasileira

Na comparação entre os primeiros dez meses de 2021 e 2020, somente 3 dos 14 setores pesquisados – Alimentos (-0,1%), Veículos automotores (-10,0%) e Tabaco (-5,0%) – diminuíram a produção. Os três setores com os maiores impactos positivos, Máquinas e equipamentos (+40,4%), Produtos de metal (+26,2%), Couros e calçados (+23,1%) e Outros químicos (+11,2%) foram responsáveis por 9,6 p.p. do resultado global. Mais uma vez, não há como dissociar o desempenho da indústria gaúcha do complexo metalmeccânico: 6,1 p.p. é creditado a ele, sobretudo às empresas vinculadas ao agronegócio, como máquinas agrícolas e implementos rodoviários.

Os Indicadores Industriais do RS, produzidos pela FIERGS, confirmam a disseminação do crescimento em 2021 na comparação com 2020. De acordo com os respectivos Índices de Desempenhos Industriais (IDIs-setoriais) no acumulado do ano encerrado em outubro, apenas dois caíram – Madeira (-1,3%) e Máquinas e materiais elétricos (-1,6%) – dos dezesseis pesquisados. O protagonismo do segmento metalmeccânico também foi confirmado, com destaque para Máquinas e equipamentos (+34,1%), Produtos de Metal (+22,3%), Metalurgia (+20,2%) e Veículos automotores (+18,6%), responsáveis por 84,0% do avanço do faturamento real, por dois terços, do emprego, por 60,0%, das horas trabalhadas na produção e por 67,0% das compras industriais. Vale ressaltar ainda a importância de Couros e calçados (+23,1%), Químicos e derivados de petróleo (+11,5%), Borracha e plásticos (+10,0%) e Móveis (+12,7%).

A Tabela 3.2 a seguir mostra o padrão de crescimento generalizado entre os diversos indicadores e setores industriais no RS. A massa salarial real, por conta da inflação, destoa.

Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores

(Var. % acum. em 2021 até outubro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	ID/RS**	Produção
Alimentos	-6,2	-1,0	2,8	4,6	3,8	1,4	2,7	-0,1
Bebidas	13,8	9,0	0,1	12,9	1,0	-1,7	5,6	1,3
Tabaco	-22,1	56,2	-	6,0	-0,6	-0,4	3,7	-5,0
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	6,7
Têxteis	6,1	6,7	19,1	20,9	11,6	-3,9	15,5	-
Vestuário e acessórios	24,0	31,9	15,5	16,4	1,5	-8,5	20,2	-
Couros e calçados	12,8	34,1	11,8	15,7	-0,3	-6,1	12,5	23,1
Couros	67,2	129,0	18,0	23,6	12,9	18,5	59,0	-
Calçados	7,8	22,8	11,3	16,0	-1,6	-8,2	7,2	-
Produtos de Madeira	-11,3	3,9	2,3	-5,4	9,4	6,5	-1,3	-
Impressão e Reprod. de gravações	-	-	-	-	-	-	-	-
Químicos, der. petróleo e biocomb.	21,3	40,7	6,8	7,6	5,1	-3,3	11,5	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	9,7
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	11,2
Borracha e de material plástico	1,2	45,7	4,6	11,2	3,7	2,8	10,0	8,4
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	13,6
Metalurgia	23,4	54,8	6,9	19,5	8,6	14,8	20,2	27,2
Produtos de metal	16,0	51,0	6,0	25,7	15,8	21,0	22,3	26,2
Equip. inform. eletrônicos e óticos	18,8	52,3	3,8	9,8	1,7	-4,0	23,9	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	15,3	58,4	4,5	8,1	-3,1	-16,6	-1,6	-
Máquinas e equipamentos	27,0	64,9	7,3	56,2	21,5	15,4	34,1	40,4
Veículos automotores	13,4	46,5	10,4	15,8	1,3	3,5	18,6	-10,0
Móveis	10,4	23,0	4,5	29,6	11,5	8,9	12,7	17,3

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais. ** Índice de Desempenho Industrial.

A maioria dos setores recuperou os níveis de produção de 2019

Como já referido, a expansão da produção brasileira em 2021 contou com a base bastante deprimida de 2020. Nesse sentido, ampliando a comparação para 2019, o resultado da produção nesse ano é praticamente nulo: -0,9% (lembrando que cresceu 5,7% em relação a 2020). Se o avanço em relação a 2020 foi bastante disseminado (21 de 26 setores), a recomposição das perdas, definida como o retorno da produção aos níveis de 2019, nem tanto. A metade dos setores (13 dos 26) produziram, nos primeiros dez meses de 2021, acima ou nos mesmos patamares do mesmo período de 2019 no Brasil. Os melhores resultados foram apresentados por Máquinas e equipamentos, 17,6% acima do período equivalente de dois anos atrás, Minerais não metálicos (+10,9%), Madeira (+10,4%), Tabaco (+8,3%) e Metalurgia (+7,2%). Já os piores resultados foram mostrados por Impressão e reprodução de gravações (-24,6%), Manutenção, instalação e reparação de máquinas e equipamentos (-21,7%), Outros equipamentos de transporte (-18,3%), Couros e calçados (-16,1%) e Veículos automotores (-15,3%).

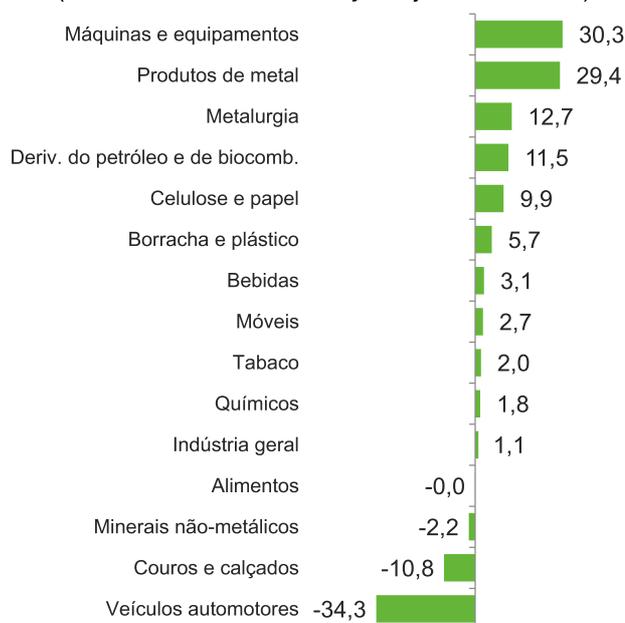
A produção industrial estadual, mais uma vez, mostrou resultados melhores que os nacionais, crescendo 1,1% na comparação entre os períodos de janeiro a outubro de 2021 e de 2019 (+11,0% em relação a 2020). Dos 14 setores pesquisados no RS, 10 recuperaram os níveis de 2019, com destaque para Máquinas e equipamentos (+30,3%) e Produtos de metal (+29,4%). Os setores de Veículos automotores (-34,3%) e Couros e calçados (-10,8%) são os mais distantes de recompor as perdas do ano passado.

Gráfico 3.9. Produção Industrial – Brasil
(Var. % acumulada em relação a jan-out de 2019)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE

Gráfico 3.10. Produção Industrial – RS
(Var. % acumulada em relação a jan-out de 2019)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A produção ainda muito distante de 2013

O crescimento da produção apresentado em 2021 quando comparado ao ano passado apenas recompõe as perdas de 2020, longe de reverter as profundas perdas da recessão recorde de 2014 a 2016. De fato, passados cinco anos, a produção brasileira recuperou, apenas 2,4% da queda histórica de 16,7%, enquanto a gaúcha recuperou um pouco mais, 9,7% dos 18,5% perdidos. No final de 2021, a produção brasileira estará 14,7% abaixo do nível de produção de 2013 e a gaúcha, 10,7%. Em 2022, distância deve diminuir pouco mais de 1,0 p.p..

Gráfico 3.11. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE
* Projeções UEE.

Gráfico 3.12. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação à base (2013))



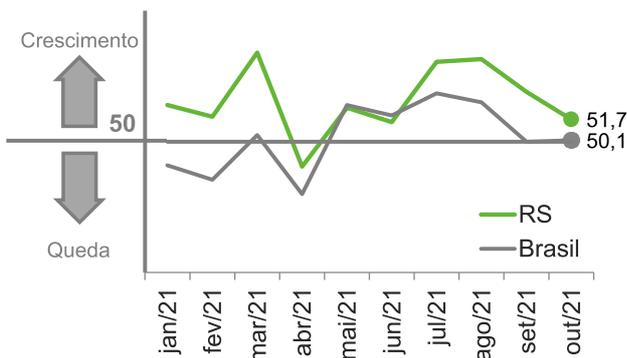
Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.
* Projeções UEE.

Os empresários retratam com fidelidade a trajetória da indústria em 2021

A percepção dos empresários, captados pela Sondagem Industrial³, acerca do desempenho do setor em 2021, reforça o quadro descrito até aqui. De fato, na maior parte do ano, os empresários perceberam crescimentos da produção e do emprego, que aumentou em praticamente todos os meses. Os índices descrevem os impactos da segunda onda da pandemia, a tentativa de recuperação e a perda de dinamismo na ponta, além da confirmação do desempenho superior da indústria gaúcha em relação à brasileira.

Gráfico 3.13. Produção Industrial – Brasil e RS

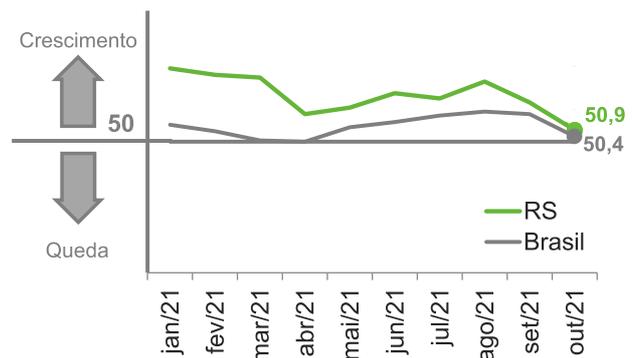
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.14. Emprego – Brasil e RS

(Em pontos)

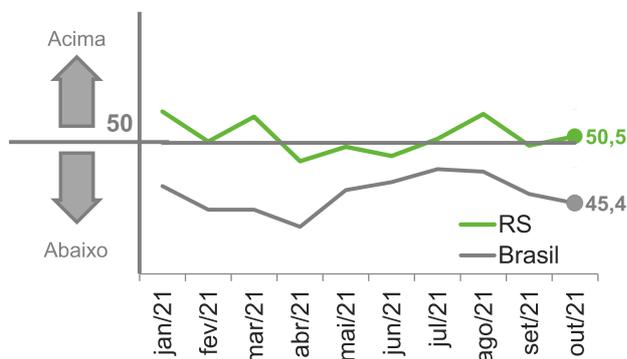


Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os empresários descreveram o mesmo quadro através do índice de utilização da capacidade (UCI) em relação ao nível usual, que sinaliza os períodos de aquecimento (UCI acima do usual) e desaquecimento da atividade industrial (UCI abaixo do usual) ao longo do ano e confirma o cenário mais desfavorável para a produção nacional, que operou abaixo do usual o ano inteiro.

Gráfico 3.15. Índice UCI efetiva-usual – Brasil e RS

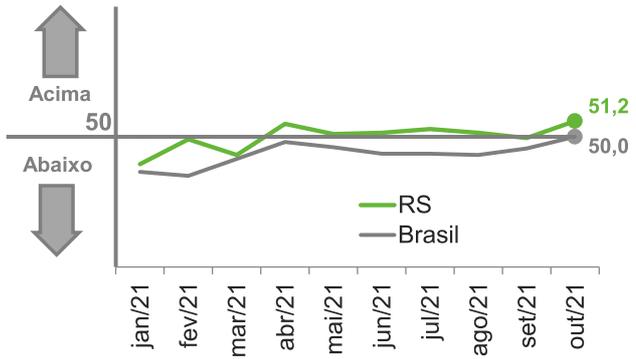
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.16. Indicador de estoques em relação ao planejado – Brasil e RS

(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

³ A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela CNI e pela FIERGS com empresários do setor no Brasil e no Rio Grande do Sul. Os índices de difusão variam de 0 a 100 pontos, sendo que os 50 pontos dividem avaliações positivas e negativas. O grau médio de utilização da capacidade instalada-UCI e os principais problemas variam de 0% a 100%.

Já os estoques de produtos finais ficaram recorrentemente abaixo na indústria brasileira e no nível planejado pelas empresas no estado na maior parte do ano. Nos últimos meses, porém, avançaram, com a perda de dinamismo da economia. Em outubro, os estoques subiram ao nível planejado pelas empresas no Brasil e, no RS, voltaram a mostrar acúmulo.

Normalmente, o comportamento dos estoques indica aquecimento ou desaquecimento da demanda. Estoques abaixo (acima) do planejado denotam demanda superior (inferior) à esperada pelas empresas. Em 2021, porém, também foram afetados pela crise na cadeia de suprimentos.

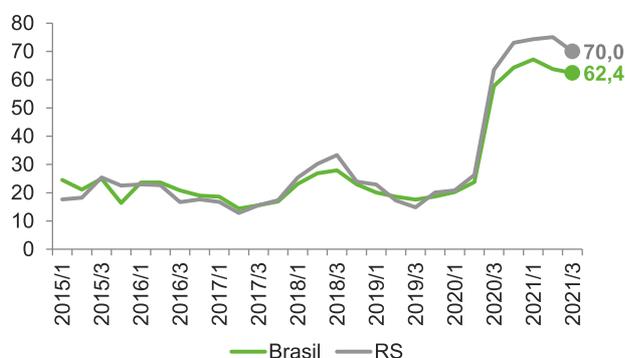
De fato, desde o terceiro trimestre de 2020, a falta ou alto custo das matérias-primas é, de longe, o principal entrave enfrentado pela indústria brasileira. O problema atinge o setor com intensidade e disseminação sem precedentes. No terceiro trimestre de 2021, último dado disponível, ainda era, de longe, o maior obstáculo, atingindo 62,4% das indústrias brasileiras e 70,0% das gaúchas.

A elevada carga tributária e a taxa de câmbio, sobretudo no RS, foram o segundo e terceiro maiores problemas, na avaliação dos industriais. A elevada carga tributária é um obstáculo estrutural, enquanto a volatilidade e a desvalorização da taxa de câmbio potencializaram o aumento de preços dos insumos de matérias-primas.

Devido à crise hídrica, a falta ou o alto custo da energia elétrica já era, no terceiro trimestre de 2021, o quarto maior problema, afetando 24,7% da indústria brasileira (11,5% no quarto trimestre de 2020). No RS, a situação é menos grave, mas também ganhou relevância e, no terceiro trimestre, afetava 16,4% das empresas (6,6% no quarto trimestre de 2020), o quinto maior problema do setor.

Gráfico 3.17. Falta ou alto custo da matéria-prima – Brasil e RS

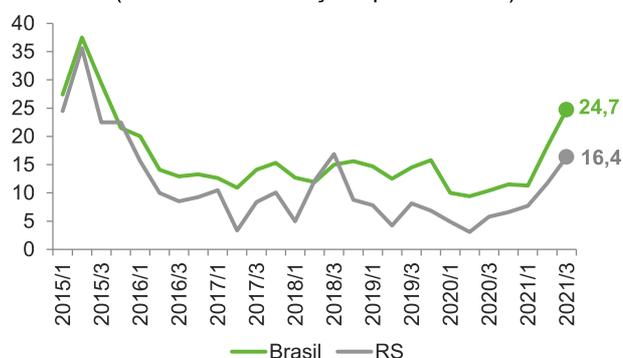
(Em % de assinalações por trimestre)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.18. Falta ou alto custo da energia elétrica – Brasil e RS

(Em % de assinalações por trimestre)

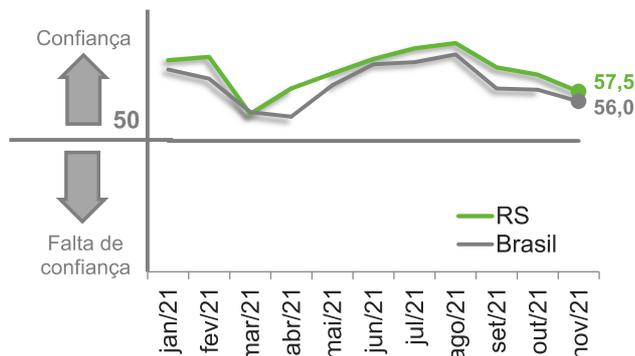


Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

O gráfico 3.19 mostra que os empresários estiveram confiantes durante todo o ano de 2021, oscilando conforme os ciclos de aceleração e desaceleração do setor. A confiança do industrial gaúcho foi quase sempre maior que a do brasileiro, mas a evolução foi comum: início de ano em alta, queda brusca na segunda onda da Covid, retomada e novo ciclo de queda com a deterioração das condições da economia brasileira. Em novembro, a confiança estava em níveis moderados (56,0 pontos no Brasil e 57,5 no RS) e pouco acima da média histórica (54,0 pontos em ambos).

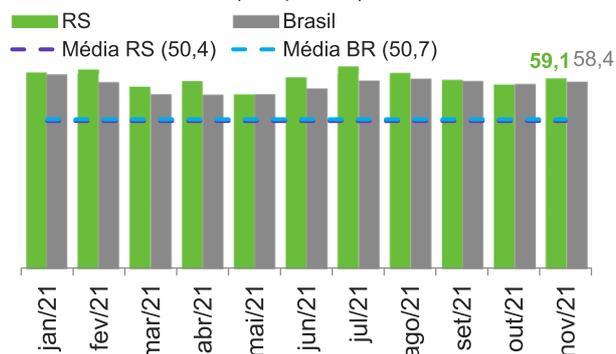
O otimismo dos empresários com a economia brasileira e com as empresas são indícios de avanços da atividade e dos investimentos industriais no País e no Estado no futuro. De fato, índice de intenção de investimentos da indústria manteve-se acima de média durante o ano, o que indica a disposição para investir no Brasil e no RS.

Gráfico 3.19. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.20. Índice de Intenção de investir – Brasil e RS
(Em pontos)



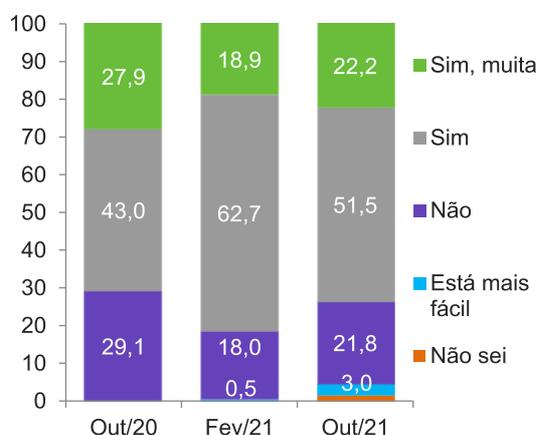
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Industrial do RS percebe agravamento do problema com insumos

As paralisações e os retornos recorrentes da atividade econômica ao longo de quase dois anos, devido às medidas de combate à pandemia, geraram diversos impactos negativos na indústria gaúcha. A queda abrupta da produção, decorrente das medidas, se disseminou pela cadeia de suprimentos, gerando um desequilíbrio entre a demanda e a oferta, que resultou em escassez e expressivas altas nos preços internacionais dos insumos e matérias-primas, intensificadas, no Brasil, pela desvalorização do Real.

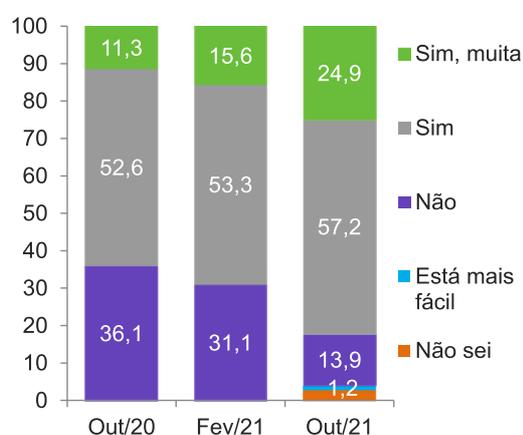
Acompanhando a evolução desse problema, a edição Especial da Sondagem Industrial do RS (Indústria da Transformação e Construção), realizada entre 1 e 15 de outubro de 2021, voltou a abordar o tema. Os resultados mostraram que pouco mais de sete em cada dez empresas (73,7%) tinham dificuldades para obter insumos e matérias-primas no mercado doméstico em outubro de 2021, sendo que eram grandes para 22,2%. O problema está um pouco mais disseminado atualmente do que há um ano, quando atingia 70,9% das empresas, mas vem diminuindo recentemente. Eram 85,2% das empresas em novembro de 2020 e 81,6% em fevereiro de 2021.

Gráfico 3.21. Dificuldade de conseguir insumos e matérias-primas domésticos – RS
(Em % de respondentes)



Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.22. Dificuldade de conseguir insumos e matérias-primas importados – RS
(Em % de respondentes que importam)



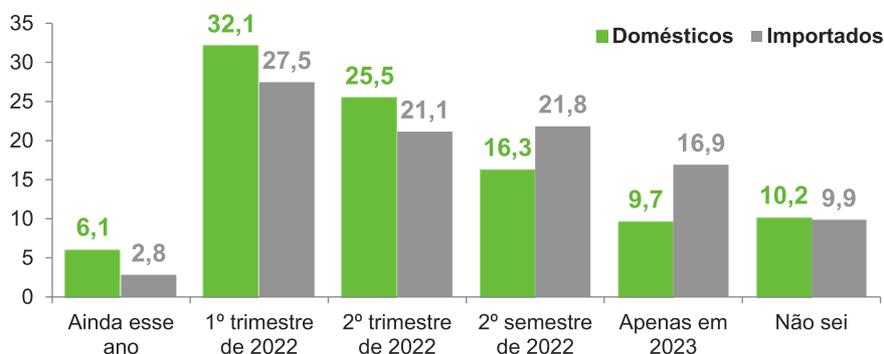
Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Na avaliação de pouco mais de oito em cada dez empresas (80,1%), a situação do mercado interno de insumos e matérias-primas deve se normalizar até o fim de 2022, sendo que 63,8% apostam na solução ainda no primeiro semestre.

A Sondagem especial revelou que sete em cada dez empresas gaúchas utilizam insumos e matérias-primas importadas. Entre as empresas que importam insumos e matérias-primas, 82,1% enfrentam problemas para obtê-las. Diferentemente do mercado doméstico, as dificuldades aumentaram durante o último ano. Em outubro de 2020, 63,9% das empresas relatavam o problema, 18,2 p.p. a menos.

Na opinião de 73,2% das empresas importadoras de insumos e matérias-primas que enfrentam dificuldades, a normalização da oferta externa deve ocorrer até o fim de 2022 (51,4% até o fim do primeiro semestre).

Gráfico 3.23. Prazo de normalização na oferta de insumos e matérias-primas
(% de respostas das empresas com dificuldades)



Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UJEE.

Perspectivas para 2022 – Com impulso negativo de 2021, crescimento será modesto em 2022

Como era esperado, a indústria voltou a crescer em 2021, mesmo perdendo grande parte da forte herança estatística de 2020, com a trajetória negativa na margem. A produção brasileira recebeu uma herança de 9,1% e deve crescer somente a metade, 4,7% na comparação com 2020. A produção gaúcha recebeu um impulso ainda maior, de 14,4%, mas perdeu mais da metade dele pelo caminho, devendo expandir, 6,3%. O Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS) deve crescer 13,0%, puxado pelos componentes de compras industriais (+32,3%) e horas trabalhadas na produção (+14,6%). O faturamento real deve expandir no ritmo da produção: +6,6%.

Para 2022, no entanto, o impulso estatístico é negativo para a produção brasileira, -2,7% e quase nulo, 0,7%, para a produção gaúcha. Nesse sentido, espera-se que o setor retome lenta e gradualmente a trajetória de alta. Os empresários estão confiantes, com intenção de investir e contratar. O processo de reabertura econômica deve se completar e o setor externo, deve contribuir. Porém, aqueles fatores que restringiram o desempenho de 2021 continuam presentes, sobretudo, os problemas, espera-se amenizados, na cadeia produtiva. O desemprego seguirá elevado e a inflação seguirá corroendo a renda das famílias, que devem redirecionar parte dela para os serviços. A eleição polarizada elevará os níveis de incerteza, sobretudo, quanto às questões fiscais, gerando instabilidades e impactos sobre o câmbio, inflação e juros, levando à economia brasileira a uma expansão medíocre em 2022.

Nesse cenário, a indústria também sofrerá forte desaceleração em 2022. A produção deve crescer 1,5% no Brasil e 1,0% no RS. O IDI/RS deve avançar um pouco mais, 1,7%, com seus componentes, mais ou menos, no mesmo ritmo.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil
(Var. % acum. no ano)

	2020	2021*	2022*
Indústria extrativa	-3,4	3,0	1,2
Indústria de transformação	-4,6	4,7	1,9
Produção industrial	-4,5	4,7	1,5

Fonte: IBGE/PIM-PF. * Previsão FIERGS/UEE.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS
(Var. % acum. no ano)

	2020	2021*	2022*
Faturamento real	-3,1	6,6	1,6
Horas Trabalhadas na produção	-5,7	14,6	3,3
Emprego	-1,9	7,4	1,4
Massa salarial real	-9,3	4,4	0,4
UCI (em p.p.)	-4,6	8,3	0,3
Compras Industriais	-5,5	32,3	4,2
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)	-4,8	13,0	1,7
Produção industrial	-5,5	6,3	1,0

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. * Previsão FIERGS/UEE.